



Editorial

Vivemos Tempos de Mudança



We Live in Times of Change

Paula Freitas^a

^a Editor-chefe da Revista da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

Muda-se o ser, muda-se a confiança;

Todo o mundo é composto de mudança,

Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,

Diferentes em tudo da esperança;

Do mal ficam as mágoas na lembrança,

E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,

Que já coberto foi de neve fria,

E enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,

Outra mudança faz de mor espanto:

Que não se muda já como soía.

Luís Vaz de Camões

Realmente os tempos são de mudança. Mas os tempos sempre foram de mudança. Já o nosso ilustre Luís Vaz de Camões, no longínquo século XVI afirmava que «...todo o mundo é composto de mudança...». Só que agora, esta mudança foi rápida, não expectável, não prevista, pelo menos para a maioria de nós, no nosso habitual e confortável modo de viver. Sentimo-nos vulneráveis. E, como escreveu Eric Hoffer, “Num tempo de mudanças drásticas, são os que aprendem que irão possuir o futuro”. E, de facto, durante o período de confinamento imposto por esta pandemia, o mundo científico, em vez de parar, paralisar ou “congelar”, explodiu. Nunca houve tanta investigação. Os cientistas trabalharam e ainda trabalham em “operação modo de guerra” para desvendar, conhecer, tratar, tentar aniquilar o novo coronavírus, encontrar novas estratégias para controlar a sua propagação e minimizar as suas consequências para a saúde, sociedade e economia. Os cientistas portugueses são “pares” na investigação da COVID-19. Formaram-se novos projetos e novos consórcios de investigação científica entre vários institutos e universidades.

Houve também uma série de iniciativas das sociedades científicas, umas dirigidas aos profissionais de saúde, outras ao público em geral, numa altura em que o conhecimento científico validado e não “fake news” é uma preciosidade e necessidade. Quero enaltecer o trabalho conjunto de várias sociedades científicas nesta divulgação – particularmente a Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo, a Sociedade Portuguesa de Diabetes, o Núcleo de

^a Autor Correspondente/Corresponding Author:

Correio eletrónico: paula_freitas@sapo.pt (Paula Freitas)

Portuguese Society of Endocrinology, Diabetes and Metabolism

Rua Fernando Vicente Mendes, N° 1B, 1° Dto.

1600-892 Lisboa

Portugal

<https://doi.org/10.26497/ed200043>

1646-3439/© 2020 Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo. Publicado por Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Estudos de Diabetes *Mellitus* da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna e a Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar nas iniciativas “COVID-19 - a diabetes não pára” e a linha de informação “Diabetes/Covid-19” para informações à pessoa com diabetes *mellitus* no contexto da pandemia, mas também muitas outras sociedades científicas que de um modo altruísta mantiveram a comunidade científica e a população geral bem informados. Muitas outras sociedades científicas como as de Cardiologia, Pneumologia, Oncologia, Obesidade, Hematologia e Anestesia, mantiveram atividade de divulgação, sobretudo com *webinars* no período do serão de modo a manter a atualização científica de todos os interessados. Enquanto a pandemia avançou e a quarentena perdurou, a ciência e os profissionais de saúde, ganharam mais espaço e notoriedade por bons motivos nos noticiários e, conseqüentemente, mais apreço pela sociedade. Pena é que só batam palmas aos profissionais de saúde... É bom receber palmas, mas não chega quando se vai ao supermercado. Também quero agradecer a TODOS aqueles que estiveram na linha da frente da COVID-19, mas permitam-me um agradecimento em particular a todos os internos e jovens especialistas de Endocrinologia do nosso país.

Todo um leque de novas palavras começaram a fazer parte do quotidiano dos portugueses – pandemia, cadeia de contágio, calamidade, cerco comunitário, estado de emergência confinamento, confinamento compulsivo, coronavírus, quarentena, viseira, máscara, máscara comunitária, curva exponencial, achatamento da curva, fase de mitigação, imunidade, imunidade de grupo, zaragatoa, ventilador, isolamento profilático, distanciamento social, etiqueta respiratória,

decreto presidencial, teletrabalho, videochamada, ensino à distância, etc. Nunca a sociedade civil foi invadida por tantos novos conceitos científicos e de forma tão veloz.

“Disciplina, paciência, sacrifício e solidariedade” – foram os quatro pontos destacados pelo painel do *Eixo do Mal* para a Sociedade Civil enfrentar a COVID-19. Na minha opinião, estes 4 itens são os mesmos para muitas coisas na vida, inclusivamente para a realização de investigação científica e nomeadamente investigação clínica. Durante o tempo da pandemia, em vez de inércia, depressão ou abatimento, senti um fervilhar de atividade científica e, mais uma vez, os agradecimentos do corpo editorial desta revista a todos os que contribuíram na elaboração e revisão de artigos para este primeiro número de 2020. Este ano ficará seguramente para sempre na nossa memória.

Mas, o que é que a COVID-19 nos ensinou?

Espero que possamos emergir desta pandemia, uma comunidade mundial mais consciente, coesa e solidária. Espero ainda que esta nos tenha transformado em “melhores versões de nós próprios” e que nos tenha feito refletir pelo menos sobre dois assuntos: 1) Que futuro queremos construir? 2) Precisamos de novos valores?

Em relação ao *slogan*: “Vai ficar tudo bem!”... Oxalá, esteja certo!

Paula Freitas
Editora-chefe